



PROGRAMAÇÃO

ABERTURA DO SEMESTRE 2025-1

23/04/2025, Anfiteatro I
Edifício Didático (CCHN)



14H - ABERTURA

Prof.ª Dr.ª Maria Amélia Dalvi (Ufes)
Apresentação e informes da coordenação



15H - AULA INAUGURAL

Prof. Dr. Marcus Vinicius X. de Oliveira (UNIR)
Fé e fausto no pós-inundação: devir animal, abjeção do humano em A língua submersa, de Manoel Herzog

Mediação do Prof. Dr. Vitor Cei (Ufes)



16H - CONFERÊNCIA

Prof.ª Dr.ª Juliana C. Alvernaz (Ufes)
Paisagens contra-hegemônicas na literatura angolana contemporânea

Mediação do Prof. Dr. Leonardo L. Vieira-Machado (Ufes)



17H - MESA-REDONDA

Prof. Dr. Weverson Dadalto (IFES)
Violência e autoritarismo na literatura testemunhal de Bernardo Kucinski

Prof. Dr. Carlos Alexandre Rocha (SEDU-ES)
A sátira aos mecanismos biopolíticos na tetralogia obscena de Hilda Hilst

Mediação do Prof. Dr. Leonardo L. Vieira-Machado (Ufes)



19H - CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

Prof.ª Dr.ª Melania A. E. Ballestero (Córdoba)
Champurrias, prietas y travas: poéticas transfronterizas à revelia do tempo

Mediación de la Prof.ª Dr.ª Michele Freire (Ufes)

ABERTURA DO SEMESTRE 2025-1



15h



23/04/2025, Anfiteatro I
Edifício Didático (CCHN)



MARCUS VINICIUS XAVIER DE OLIVEIRA

Universidade Federal de Rondônia

Fé e fausto no pós-inundação: devir animal, abjeção do humano em *A língua submersa*, de Manoel Herzog

O trabalho constitui-se em um exercício transdisciplinar situado no campo do Direito e da Literatura, e que tem por paradigma teórico o pensamento de Giorgio Agamben, em particular os livros *O Aberto: O Homem e o Animal*, a série *Homo Sacer* e *Nudez*, e como matéria crítica o livro de Manoel Herzog, *A Língua Submersa*. Esta obra, situada naquilo que se tem denominado cli-fi/Anthropocene Fiction, propõe-se a enfrentar o impensado: a terra-mundo completamente outra após a elevação dos oceanos por ação do homem. Nessa ficção, o aberto entre o homem e o animal permanece, como hoje, escancarado, no qual o devir-animal e a abjeção do humano se manifestam como consequência de normas jurídicas que asseguram a dÍade crente-noia, e as distinções sociais permitem àqueles que gozam de privilégios a busca pela satisfação de uma fome de boi. Metodologicamente, adotou-se a transdisciplinaridade e a teoria agambeniana do paradigma, tendo como procedimento a pesquisa bibliográfica.

**JULIANA C. ALVERNAZ***Universidade Federal do Espírito Santo***Paisagens contra-hegemônicas na literatura angolana contemporânea**

O espaço geográfico predominante na literatura pós-colonial produzida em Angola, sobretudo nas obras da “geração da utopia”, concentra-se na cidade, especialmente na capital Luanda e nos musseques, representando o país e suas dinâmicas políticas com ênfase nas desigualdades urbanas. No entanto, alguns escritores distanciam-se desse padrão de representação espacial. Nesta fala, pretende-se refletir sobre a paisagem em textos poéticos angolanos que direcionam o olhar para o sul do país, com destaque para a produção de Ruy Duarte de Carvalho e Paula Tavares. Em um gesto comparativo, analisa-se não apenas o caráter político da escolha da espacialidade, mas também o traço inventivo da ressignificação das tradições orais na obra desses autores, os quais elegem grupos étnicos do sudoeste de Angola – como os Kuvale e os Himbas – como interlocutores. Para essa reflexão, mobiliza-se o conceito de paisagem de Michel Collot (2012, 2013), fundamentado na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, que aborda o “pensamento-paisagem” e sua relação com a literatura. Como Collot apreende a paisagem a partir da percepção do corpo do sujeito observador, estabelecendo uma “solidariedade entre o corpo perceptor e o mundo percebido” (2012, p. 38), articularemos essa discussão com as formulações sobre as poéticas da oralitura e o corpo-tela, de Leda Maria Martins (2021). Além disso, recorre-se ao geógrafo Marandola Jr. (2020) para delinear a noção de Paisageabilidade, definida como um campo fenomenal em que o sensível se move. Nesse sentido, olhar ou ler a paisagem não é um ato de ação apartado do mundo, mas uma irrupção como modo de ser paisagem, a qual se constitui a partir de uma pedagogia do olhar. A poesia de Ruy Duarte de Carvalho e de Paula Tavares, ao engendrar sujeitos poéticos atravessados por uma noção geográfica de votação ao sul, recusa a centralidade urbana e desconsidera as demarcações coloniais. Percebe-se, portanto, um movimento contracolonial (Bispo dos Santos, 2023) que propõe pensar o espaço fora das amarras estruturantes da colonialidade.

**WEVERSON DADALTO***Instituto Federal do Espírito Santo***Violência e autoritarismo na literatura testemunhal de Bernardo Kucinski**

O conjunto da obra de Bernardo Kucinski testemunha o autoritarismo do regime militar (1964- 1985) como uma manifestação paradigmática da barbárie que persiste na sociedade brasileira, a qual é fundada e mantida pela violência. O desenvolvimento da análise de romances e contos do autor, que constitui o principal objetivo desta tese, sugere a associação entre o horror da ditadura e as catástrofes disseminadas no mundo moderno, que são inseparáveis de ordenações político-econômicas desumanizadoras e que foram levadas ao extremo no terror indizível do Holocausto. A partir da década de 1970, Kucinski produz vasta bibliografia não literária dedicada principalmente à denúncia dos crimes do Estado, à política, à economia e ao jornalismo. Esta pesquisa introduz os livros mais representativos dessa fase, que fornecem elementos teórico-críticos e historiográficos para o exame de sua literatura posterior. [...] Por fim, a tese demonstra que a escrita de Kucinski, ao relacionar a ditadura no Brasil a outros eventos violentos, assume atitude solidária ao testemunho das vítimas e denuncia a permanência do autoritarismo em períodos supostamente democráticos. A necessidade de elaboração da memória e a impossibilidade de representação de experiências traumáticas demandam a superação de formas narrativas convencionais e a tematização de impasses éticos e estéticos enfrentados pela testemunha. Nesse sentido, estudos de críticos literários como Márcio Seligmann-Silva e Jaime Ginzburg, por exemplo, são pertinentes para a interpretação da ficção kucinskiana. A recepção politicamente comprometida da literatura testemunhal de Kucinski mobiliza os estudos literários para a participação na elaboração do passado e para a resistência ao autoritarismo que persiste na contemporaneidade.

**CARLOS ALEXANDRE ROCHA***Secretaria da Educação do Espírito Santo***A sátira aos mecanismos biopolíticos na tetralogia obscena de Hilda Hilst**

Em 1989, Hilda Hilst anuncia que deixará de produzir literatura séria e que escreveria livros pornográficos e obscenos; em 1990, lança *O caderno rosa de Lori Lamby*, o primeiro livro que compõe sua tetralogia obscena, sendo seguido por *Contos d'escárnio & textos grotescos*, de 1990, *Cartas de um sedutor*, de 1991, e *Bufólicas*, de 1992, o único em versos. Nessas obras, a autora, a partir da sátira, zomba e desnuda o biopoder confessional. Sendo assim, este trabalho tem como corpus a tetralogia obscena de Hilst, na qual há o rebaixamento do biopoder soberano e disciplinar, estudados por Michel Foucault ([1984], 2001), e dos mecanismos de poder da sociedade do controle, enunciados por Gilles Deleuze ([1995] 2013). Ao evidenciar o uso da confissão na narração das personagens narradoras Lori, Karl, Crasso e as figuras áulicas de *Bufólicas*, Hilst avacalha essa tecnologia de poder, e o seu projeto efetua a sátira do gênero pornográfico e confessional comercializado na época das publicações. Nesse sentido, o trabalho é um estudo teórico que analisa a sátira ao biopoder presente na tetralogia obscena, relacionando-a às noções de sociedade soberana, disciplinar e do controle, sob a mira das reflexões de Achille Mbembe (2018), Vladímir Propp ([1976] 1992), Linda Hutcheon ([1984] 1985) e Henri Bergson ([1941] 1987), além dos teóricos anteriormente citados. O objetivo é investigar como a sátira se realiza na tetralogia obscena e como Hilda Hilst compõe um conjunto de obras em que a confissão satiriza o próprio ato de mapear-se diante do mundo.



MELANIA AYLÉN ESTEVEZ BALLESTERO

Universidad Nacional de Córdoba

Champurrias, prietas y travas: poéticas transfronterizas à revelia do tempo

En un mundo cercado, en el que las fronteras neoextractivas (Svampa, 2020) no dejan de avanzar, los lazos y pactos democráticos colapsan y la amenaza de nuestras vidas, de todo lo que aún vive, se intensifica, persisten formas del poema y el canto, de la performance o el slam que apuestan por volver a encontrarnos. Se trata de formas mutantes de una escritura inquieta, reticente a las clasificaciones, que se trama entre lenguas y géneros, territorios y memorias, entre cuerpos y voces, fisurando los regímenes de normalización discursiva. Una escritura que es una práctica insurgente, a la vez, estética y política: un modo de hacer, junto-con otrxs (Bardet, 2021), lugar a otras perspectivas pero además a otras escuchas que nos permitan atravesar el presente y, en el camino, volver a inventarlo todo. En torno a estas escrituras, producidas en los últimos diez años, desde diferentes territorios del sur americano por artistas como Susy Shock (Argentina), Daniela Catrileo (Chile), Dinha y Tatiana Nascimento (Brasil), en un primer momento, nos interesa observar qué lugar de habla (Riveiro, 2020) montan y qué cruce de lenguajes potencian al friccionar (Milone, 2022) cuerpo y voz en el texto. Correlativamente, qué dislocaciones introducen en el archivo de la poesía latinoamericana en función del cual se deslindan regímenes de legibilidad y autorización discursiva. Atendiendo a las revueltas que promueven estas poéticas sobre lo que puede ser dicho y oído, nos preguntamos, además, de qué modo intervienen las narrativas racistas, patriarcales y coloniales que, viralizadas desde los nuevos imperios digitales del capital transnacional, se reactualizan e invaden la escena pública.

En un segundo momento, nos proponemos exponer -traer y colocar sobre la mesa algunos de los problemas que plantea el desarrollo de una investigación construida en los bordes y desbordes de un corpus trans-fronterizo que apuesta por la contaminación de las materias y las prácticas, la desestabilización de las categorías y los vocabularios, por la continua reelaboración de las tradiciones y los legados. ¿Cómo pensar en el movimiento al que nos convocan estas poéticas? ¿Con qué estrategias y cuáles cuidados? ¿Junto a quiénes a qué lecturas y marcos teórico-críticos? ¿Desde cuál lugar de enunciación, cuál lengua, tono, registro? ¿Cómo hacer ciencia sin volver a tropezar en el extractivismo del conocimiento? ¿Cómo escribir una tesis que permita escuchar eso que arrulla un poema, que mima su voz?